

APRESENTAÇÃO

A América Latina caminha numa tênue linha entre a liberdade democrática e o autoritarismo. A vitória de Trump nos Estados Unidos se traduziu numa clara ameaça às liberdades. Adotando tom belicoso, busca restaurar uma visão imperial sobre a América Latina defendendo abertamente lideranças autoritárias e, o pior, legitimando aspirações contrárias ao Estado Democrático de direito. Não só, sua agenda vinculada ao fundamentalismo cristão retrocede em direitos de minorias sexuais e étnicas, se espalhando para além de suas fronteiras como um vírus contagioso. Para completar o caos, seu governo fortalece o negacionismo científico e ataca a autonomia universitária buscando controlar os debates e pesquisas acadêmicas.

Nesse contexto, a revista Entropia buscará abrir suas páginas para publicar abordagens que fortaleçam a autonomia da pesquisa, a inquietação científica e a defesa de uma sociedade plural e democrática. Para isso contamos com a colaboração dos que acreditam na ciência no saber científico.

Em nossa nova edição teremos o artigo de Aline de Oliveira que discute os reflexos da ditadura militar brasileira na estrutura policial do país. Um legado trágico na formação do policial pouco ligado à cidadania e transformado num aparato violento e opressor.

Diego Chabaloit apresenta ensaio em que discute no estudo da produção da ficção científica, o primado de uma estética centrada na teoria marxista.

Maurício Brugnaro Júnior aponta as formas de enfrentamento e solidariedade construídas por mulheres, mães, vitimadas pela violência policial no Rio de Janeiro. Moradoras de comunidades carentes viveram dramas pessoais com a perda de seus filhos em chacinas praticadas pelo estado fluminense na forma de sua corporação policial.

Ilana Sprada Píala, Isadora Ferronato Galeski e Marisete Hoffmann-Horochovski apontam como a epidemia de COVID-19 ao impedir a concretização do

luto por contra das medidas de isolamento sanitário construiu novas memórias acerca da morte e do luto em uma perspectiva nova dos ritos funerários.

Isaías dos Santos da Cunha buscou assinalar como a toada do boi-bumbá de Parintins constituiu uma identidade cabocla que caracteriza o aspecto regional do evento e da cultura amazônica acentuando o caráter de resistência cultural da região.

Laura Barbano Aragão e Mariana França Soutto Mayor analisam o impacto político da modalidade Teatro-Jornal no Brasil tendo como referência o espetáculo intitulado “Teatro-Jornal: Primeira edição” do diretor Augusto Boal. A peça, de 1970, marcou uma ação de resistência à ditadura militar no campo cultural enfrentando a censura então imposta.

Afranio de Oliveira Silva, Paula Cistina Santos Menezes, Thiago de Jusus Esteves e Teresa Cristina Salles Santos discutem a precarização do trabalho docente no estado de São Paulo a partir da plataformização da educação, destacando o conceito de *Digital Education Governance* e *Precision Education Governance*. Para o autor, esse processo segue a lógica neoliberal permitindo a monitoração dos docentes e seu controle digital.

Luana Marques Carlos e Monalisa Soares Lopes analisam concepções, práticas e discursos conservadores se estruturam em torno da ideia de família, com foco nas manifestações ocorridas na Câmara dos Deputados entre 2013 e 2022. O estudo também considera a emergência da Nova Direita a partir de 2013, sua crescente presença no debate público e no Parlamento, bem como o uso estratégico da visibilidade midiática.

Osvaldo Moreira da Silva e Fernando Vieira analisam a campanha televisiva da TV Globo em 2018, intitulada “O Brasil que queremos”. Essa campanha ouvia pessoas comuns que apontavam o que esperavam das eleições presidenciais. O contexto foi o da “demonização” do PT e uma defesa explícita do moralismo política. Deixava-se de lado as mazelas sociais e reforçava o discurso moralista de combate à corrupção. Esse cenário favoreceu o discurso outsider que consagrou vitorioso o candidato Jair Bolsonaro.

Everton Werneck de Almeida analisa que no contexto da precarização do trabalho docente em tempos neoliberais, o sindicalismo de professores da educação básica pública resiste representando uma das poucas categorias profissionais que, a partir de seus sindicatos, ainda guardam algum poder de mobilização após a contraofensiva neoliberal que solapou as bases sindicais de amplos contingentes de trabalhadores brasileiros.

Vinícius Fávero nos brinda com uma análise da práxis do militante do movimento zapatista mexicano, o Subcomandante Marcos. Através dos escritos do Subcomandante, o autor busca perceber a forma de narração e linguagem apontando que seus textos se inserem no conceito gramsciano de intelectual orgânico.

Esperamos que as leituras ampliem as interlocuções críticas tornado a revista um polo de debates latino americanos.

Boa leitura!